



## Luteranismo brasileiro: reflexões sobre trilhas e encruzilhadas... dois séculos em quatro tempos<sup>1</sup>

*Brazilian Lutheranism: reflections on paths and crossroads... two centuries in four times*

Wilhelm Wachholz<sup>2</sup>

**Resumo:** O ano de 1899 marcou a história daquela que, organizada nacionalmente, viria a se tornar a atual Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Naquele ano, ocorreu uma reunião entre a Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América (SEAPA) e o Conselho Superior Eclesiástico de Berlim (CSEB), da Igreja da Prússia, que decidiu pela transferência da coordenação do envio de pastores ao Brasil da primeira para o segundo. Nossa tese é a de que, a partir de então, a história do luteranismo no Brasil se dividiu entre “o antes e o depois” (século XIX e século XX). Esses dois séculos de história também apresentam tempos diferentes: no século XIX, durante o período congregacional, encontramos poucos pastores, vindos por iniciativa própria ou enviados por alguma instituição, seguindo-se o envio sistemático de pastores, em sua maioria, egressos de seminários teológicos, especialmente por iniciativa de sociedades missionárias. O século XX, em meio ao crescente germanismo, inicia-se com o envio de pastores majoritariamente de formação universitária até a Segunda Guerra Mundial, quando, com a fundação da Escola de Teologia (1946), em São Leopoldo/RS, cada vez mais o corpo ministerial passa a ser constituído por ministros autóctones. O objetivo deste artigo é caracterizar e analisar os quatro tempos nesses dois séculos de história do luteranismo da IECLB.

**Palavras-chave:** Luteranismo. Missionários. Pastores. Germanismo.

**Abstract:** The year 1899 marked the history of what, once organized nationally, would become the current Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB). That year, a meeting was held between the Evangelical Society for German Protestants in America (SEAPA) and the Superior Ecclesiastical Council of Berlin (CSEB), of the Church of Prussia, which decided to transfer the coordination of sending pastors to Brazil from the former to the latter. Our thesis is that, from that point on, the history of Lutheranism in Brazil was divided between “before and after” (19th and 20th centuries). These two centuries of history also present different times: In the 19th century, during the congregational period, we found few pastors, who came on their own initiative or were sent by some institution, followed by the systematic sending of pastors, mostly graduates of theological seminaries, especially on the initiative of missionary societies. The 20th century, amidst growing Germanism, began with the sending of pastors mostly with university degrees until the Second World War, when, with the founding of the School of Theology (1946) in São Leopoldo/RS, the ministerial body increasingly began to be made up of native ministers. The objective of this article is to characterize and analyze the four periods in these two centuries of history of Lutheranism in the IECLB.

**Keywords:** Lutheranism, missionaries, pastors, Germanism.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi recebido em 1 de junho de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 25 de novembro de 2024.

<sup>2</sup> É professor de disciplinas de História da Igreja na Faculdades EST, São Leopoldo/RS e conta com apoio financeiro para desenvolvimento do projeto de pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil. Leciona disciplinas em nível de Graduação e Pós-Graduação em Teologia. Suas áreas de pesquisa e ensino são em História do Cristianismo (História e Teologia – Lutero, Zwinglio, Calvino – da Reforma do século XVI e da Igreja na América Latina – catolicismo e protestantismo), História Medieval e Moderna, História e Historiografia, Cultura, Representações, Identidade e Etnicidade. wachholz@est.edu.br



## Introdução

Em 1899, uma reunião entre a Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América (SEAPA), conhecida também como Sociedade Evangélica de Barmen<sup>3</sup>, e o Conselho Superior Eclesiástico de Berlim (CSEB) (Igreja da Prússia) selou a transferência da coordenação dos trabalhos, principalmente de envio de pastores, de Barmen para Berlim.<sup>4</sup> Este evento se insere no projeto de uma “Alemanha maior”. Nas primeiras décadas desde a unificação da Alemanha (1871), tanto o Estado quanto as Igrejas alemãs voltaram seus esforços “para dentro”, a saber, para a organização do Estado e da Igreja nacionais. Vencida esta etapa, a Alemanha se volta para o exterior, o que ocorre em meio à crescente ideologia germanista,<sup>5</sup> afetando também as Igrejas, em particular no Brasil, como verificaremos mais adiante.

Durante o século XIX, as duas principais sociedades que enviaram pastores ao Brasil foram a Sociedade Missionária de Basileia e a SEAPA. Basileia já enviara os primeiros pastores ao Brasil desde fins da década de 1850, e a SEAPA a partir de meados da década seguinte. Em 1886, quando o número de envios para o Brasil já diminuía, a Sociedade Missionária de Basileia anunciou a sua retirada do Brasil. A partir de então, a SEAPA assumiria a coordenação do envio de pastores, ainda que, ocasionalmente, egressos do Seminário de Missão de Basileia fossem colocados à sua disposição para envio.<sup>6</sup>

## O primeiro século... em dois tempos

O trabalho da Sociedade Missionária de Basileia e da SEAPA – não desconhecemos o envio de egressos de seminários e universidades por outras instituições, mas esses envios eram em

---

<sup>3</sup> Veja história da Sociedade Evangélica de Barmen em WACHHOLZ, Wilhelm. “*Atravessem e Ajudem-nos*”: A atuação da “Sociedade Evangélica de Barmen” e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899). São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 121-242. (Série Teses e Dissertações, 19)

<sup>4</sup> WACHHOLZ, 2003, p. 26, 237, 243-244,

<sup>5</sup> Sobre o desenvolvimento da ideologia germanista, veja DREHER, Martin N. *Igreja e Germanidade*; estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984. p. 217-237; PRIEN, Hans-Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil*; das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis, 2001. p. 342-421.

<sup>6</sup> WACHHOLZ, 2003, p. 185-187.



número bem menor! – inaugurou um novo cenário para o luteranismo no Brasil. Anteriormente, a presença de pastores, no assim denominado “período congregacional”, era muito pequena. No “primeiro tempo” do século XIX, havia poucos pastores com ordenação no Rio Grande do Sul, até a chegada de Hermann Borchard em 1864, que motivou a fundação da SEAPA (surgida originalmente como um “Comitê”) e o envio de pastores por Barmen. O envio por parte de Basileia e Barmen pode ser considerado o início do “segundo tempo”. No Rio Grande do Sul, esses pastores criaram um primeiro sínodo (1868/1886) – em outras províncias do Brasil, sínodos seriam criados no início do século XX.

A importância da entrada de Basileia e Barmen no Brasil pode ser percebida não somente pelo número de pastores enviados, mas também pela mudança de perfil dos enviados posteriormente sob o CSEB. Entre 1865 e 1890, sob a presidência de Friedrich Fabri, Barmen enviou majoritariamente egressos de seminários de missão – o perfil dos enviados por Basileia era similar. Na sequência, sob a presidência de August Schreiber (a partir de 1891), o perfil dos enviados por Barmen foi radicalmente alterado, passando a ser majoritariamente composto por egressos de universidades. Dessa forma, inaugura-se o perfil de pastores que será consolidado pelo CSEB a partir de 1900.<sup>7</sup>

Buscando apresentar o perfil de pastores do século XIX – temos consciência do risco de generalização ao apresentar um exemplo, ainda assim, a exemplificação auxilia na aproximação ao perfil ministerial daquele tempo – apresentamos rápidos aspectos das biografias do casal Carl Friedrich Wegel e sua esposa Lydia Borien. Tradicionalmente, a historiografia resgata e analisa “grandes nomes” da história. As razões para isso vão desde a disponibilidade de fontes até a cultura patriarcal. Visando exemplificar o trabalho no “segundo tempo” do século XIX e buscando romper com a lógica de uma historiografia centrada nos “grandes nomes”, propomos apresentar aspectos da biografia da “Frau Pfarrer” (esposa do pastor) Lydia, casada com Carl, casamento celebrado em 15 de janeiro de 1864.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> WACHHOLZ, 2003, p. 357.

<sup>8</sup> Texto completo da autobiografia de Lydia Borien se encontra em WACHHOLZ, Wilhelm. Um casal, três continentes: da Europa para a África; da África para o Brasil – Lydia Borien: “Quero viver para ti, Jesus, e ser somente para ti”. In: DREHER, Martin Noberto et. all. *Presença Luterana no Brasil: História e testemunho*. São Leopoldo: Sinodal, 2024. p. 245-253.



Lydia nasceu a 7 de outubro de 1835, em Mohrunge, Prússia Oriental. Faleceu no dia 6 de fevereiro de 1907, em Bahnau, perto de Heiligenbeil, Alemanha, após voltar do Brasil em maio de 1906. Em 1º de outubro de 1863, Lydia escreveu e endereçou uma autobiografia à Sociedade Missionária da Renânia, com o intuito de ser enviada como noiva de Carl Friedrich Wegel, que havia sido enviado e já se encontrava na África do Sul como missionário desde 1861. Naquela ocasião, Lydia tinha 28 anos e Carl, 34 anos de idade.<sup>9</sup>

Anos mais tarde, na África, Wegel adoeceu da “peste branca”, conhecida como tísica, consumpção ou popularmente “doença do peito”, mas que, em tempos mais recentes, é conhecida como tuberculose. Foi, então, aconselhado pelo inspetor da SEAPA a se transferir para o Rio Grande do Sul, onde encontraria, supostamente, clima mais adequado para sua saúde. Carl e Lydia, então, foram enviados para o Brasil em 1869. Por cerca de um ano, Carl exerceu a função de pastor auxiliar de Hermann Borchard, em São Leopoldo (de 30 de junho de 1869 a junho de 1870). Na sequência, sucedeu Borchard no pastorado da comunidade de São Leopoldo, onde atuou até dezembro de 1874, quando foi sucedido por Wilhelm Rotermund. Antes, contudo, exerceu ainda a presidência do Sínodo Evangélico Alemão da Província do Rio Grande do Sul, fundado em 1868. Após a chegada de Rotermund, assumindo o pastorado em São Leopoldo, Carl e Lydia se transferiram para Picada 48, onde ele atuou até sua aposentadoria, em 29 de junho de 1894. Aposentado, ainda se transferiu para Novo Hamburgo, onde atuou na livraria sinodal, coordenou a caixa para viúvas e liderou o jornal sinodal “Sonntagsblatt”. Em 1898, o casal se transferiu para o Asilo Pella-Betânia, em Taquari/RS, onde ele atuou como diretor interno e professor de crianças – registros sobre a atuação de Lydia não foram encontrados.<sup>10</sup>

Em 1892, quando ainda pastoreava na comunidade de Picada 48, o P. Carl Wegel, em sociedade com o P. Heinrich W. Hunsche, comprou as terras da então fazenda Barros Cassal, às margens do rio Taquari, com extensão de oito colônias e três edificações. O valor despendido por ambos foi de 12 contos de réis. Tinha-se o plano de fundar uma instituição diaconal, segundo o modelo da instituição de Korntal, na Alemanha. Aos 12 contos de réis, ainda foram acrescentadas despesas de outros 2 contos de réis para consertos, escriturações, viagens etc. Do valor global investido, Carl participou com 10 contos de réis e o P. Heinrich W. Hunsche com outros 4 contos

---

<sup>9</sup> WACHHOLZ, 2003, p. 335-336.

<sup>10</sup> WACHHOLZ, 2003, p. 335-337.



de réis. No final de 1892, Carl Wegel repassou duas colônias, incluindo as edificações e despesas com consertos, ao valor de 6 contos e 500 mil réis ao Asilo de Órfãos, criado pelo P. Michael Haetinger.<sup>11</sup>

Carl Wegel faleceria em 7 de abril de 1904, aos 73 anos e 4 meses de idade. Lydia permaneceria no Asilo Pella-Betânia como viúva até maio de 1906, quando retornou à Alemanha, indo morar em um pensionato, em Bahnau, perto de Heiligenbeil (terra natal do marido Carl), onde faleceria em 6 de fevereiro de 1907, aos 76 anos de idade.<sup>12</sup>

A história de Lydia e Carl poderia passar despercebida, não fossem as autobiografias de ambos. A autobiografia de Lydia data de 1º de outubro de 1863; a autobiografia de Carl é anterior e data de 31 de outubro de 1860. Ambas as autobiografias evidenciam a piedade típica do Movimento de Reavivamento do século XIX. Em sua autobiografia, Carl se apresenta assim: "Nascido em 9 de dezembro de 1830, em Heiligenbeil, Prússia Oriental." Após prestar o serviço militar e atuar na profissão de torneiro, Carl destaca que foi despertado para o trabalho missionário. Então, ingressou no Seminário de Missão de Barmen em 1855 como aspirante ao trabalho missionário. No dia 14 de agosto de 1856, foi admitido como aluno regular no Seminário. Após terminar seus estudos e prestar exame final em 24 de outubro de 1860, foi ordenado no dia 28 do mesmo mês. No dia seguinte, 29 de outubro, foi enviado pela Sociedade Missionária da Renânia como missionário para a estação missionária Wuppertal, na África do Sul. Portanto, quando Lydia se candidatou ao envio como noiva de Carl, este já estava aproximadamente três anos no continente africano.<sup>13</sup> Este, portanto, é o contexto no qual Lydia escreve uma autobiografia, apresentando-se à Sociedade Missionária da Renânia. Casados, Carl e Lydia permanecem até 1869 no continente africano.

Carl, como egresso da Casa de Missão de Barmen, exerceu também medicina básica. Durante os estudos de Teologia em Barmen, os estudantes adquiriam noções básicas de medicina, uma vez que conhecimentos básicos em medicina por parte de missionários eram necessários nos campos de missão.<sup>14</sup> Diferentemente de alguns pastores que desempenhavam alguma “especialidade

---

<sup>11</sup> HUNSCHÉ, Carlos H. Pastor Heinrich W. Hunsche e os Começos da Igreja Evangélica no Sul do Brasil. São Leopoldo: Rotermund, 1981. p. 107-108.

<sup>12</sup> WACHHOLZ, 2003, p. 336.

<sup>13</sup> WACHHOLZ, 2003, p. 335.

<sup>14</sup> WACHHOLZ, 2003, p. 534.

médica” no Brasil, não há registros específicos sobre a atuação de Carl nesta atividade. Cabe, contudo, observar que as esposas desses missionários-pastores também eram demandadas sobre questões médicas em suas comunidades. Por isso, possivelmente Lydia também detinha noções básicas de medicina e era demandada por essa atividade. Em sua autobiografia, antes do envio à África, ela expressa sua disposição diaconal ao afirmar: “Quando a palavra do meu Jesus me orientava a ajudar os irmãos pobres e doentes, era para mim uma oportunidade de grande alegria.”

Foquemos a autobiografia de Lydia. Em sua autobiografia, Lydia claramente deixa transparecer a influência do Movimento de Reavivamento do século XIX, que levou à sua conversão, após presenciar pregações de “caros homens de Deus”. Assim, Lydia encerra sua autobiografia:

A palavra da graça era meu alimento agora, a palavra da graça saciava minha sede. Quando a palavra do meu Jesus me orientava a ajudar os irmãos pobres e doentes, era para mim uma oportunidade de grande alegria. A casa terrena já se tornou um paraíso para mim aqui embaixo. Oh, se eu tivesse mil línguas e mil bocas, cantarei um hino após o outro do que Deus fez por mim. Nunca suspeitei que o querido Senhor me chamaria, uma humilde serva, para Seu serviço missionário. Reconhecendo a Sua vontade nisso, sigo com alegria o Seu chamado, com o pedido: Tua força, ó Senhor, seja poderosa em mim que sou fraca. Assim, eu vou com o Senhor Jesus para a distante África distante. Sejas Tu o timoneiro de nosso navio, conduza a mim e a todos os meus, todos os que te amam, através do marulho deste mundo, para o porto da bendita eternidade. Conduza sob Tua cruz quem ainda permanece longe, no mundo cristão e pagão, que Teu nome logo seja proclamado, desde o nascer do sol até o pôr do sol. Oh, desperte logo Israel, e assim promova o curso de Sua palavra. Quero viver para ti, Jesus, e ser somente para ti. Sou inteiramente devotada e dedicada como sacrifício a Ti. Diga seu amém a isso, ó minha rocha e tesouro. Louvado seja o Teu nome, para sempre aqui e ali.<sup>15</sup>

Carl Wegel expressara sua conversão de forma semelhante à de Lydia, após presenciar uma pregação do superintendente P. Müller. A partir de então, passou a participar de uma associação de jovens cristãos, onde foi despertado para o trabalho missionário.<sup>16</sup> Portanto, no geral, a motivação para o trabalho missionário, tanto de Lydia quanto de Carl, não foi o ideal germanista, mas sim ganhar pessoas para Cristo

---

<sup>15</sup> BORIEN, Lydia, *Lebenslauf*, apud WACHHOLZ, 2024, p. 252-253.

<sup>16</sup> WACHHOLZ, 2003, p. 335.



## O “ano da virada”: 1899

Após tratativas preliminares de aproximação entre a SEAPA e o CSEB, especialmente nos anos de 1893 e 1898<sup>17</sup>, em 1899 ocorreu uma nova reaproximação entre ambos, em um contexto de fragilidade financeira da SEAPA, devido à redução das contribuições financeiras voluntárias de seus membros. Em março de 1899, realizou-se uma reunião entre a SEAPA e o CSEB, visando dar os primeiros passos para a regulamentação das atividades na América do Sul. As conversações incluíam o desejo da SEAPA de filiação ao CSEB de pastores com formação universitária que já atuavam em Santa Catarina e no Chile. Desejava-se que esses pastores pudessem ser filiados ao fundo de pensão e ao fundo para inválidos do CSEB. Além disso, foi decidido que:

1) doravante o CSEB assumisse a confirmação dos pastores a serem enviados para a América do Sul; 2) que fosse proposta para exame aos pastores e comunidades a possibilidade de filiação à Igreja Territorial da Prússia mediante a apresentação dos estatutos das comunidades. O CSEB enviaria um anteprojeto de estatutos de comunidades como modelo.<sup>18</sup>

Também ficou acertado que:

1) a partir daquela data, o envio de todos os pastores pela SEAPA deveria ser aprovado primeiramente pelo CSEB ; 2) os pastores deveriam estar subordinados ao CSEB; 3) o tempo de atuação no exterior seria contabilizado pelo CSEB para fins de aposentadoria; 4) a diretoria da SEAPA deveria estimular o presidente do Sínodo Rio-Grandense<sup>19</sup> a agir no sentido de motivar as comunidades a se filiar à Igreja Territorial da Prússia; 5) na medida em que as leis o permitissem, dever-se-ia possibilitar também a filiação dos pastores de formação seminarística aos fundos de pensão e para inválidos; 6) a diretoria da SEAPA manifestou seu desejo da autorização pelo CSEB de uma coleta facultativa anual nas comunidades da Renânia e Westfália.<sup>20</sup>

Significativa para a aproximação entre a SEAPA e o CSEB é uma anotação no livro de atas nos seguintes termos: “Uma confluência [das atividades] parece ainda mais necessária por causa da lastimável propaganda confessional que parece estar iniciando na diáspora local.”<sup>21</sup> Por “propaganda confessional” deve-se considerar o início dos trabalhos da Associação Luterana da Caixa de Deus, que enviara seu primeiro pastor, Otto Kuhr, para Santa Catarina no ano de 1897.

<sup>17</sup> Veja WACHHOLZ, 2003, p. 485.

<sup>18</sup> WACHHOLZ, 2003, p. 487.

<sup>19</sup> Cabe lembrar que, nesta ocasião, somente este sínodo existia no Brasil.

<sup>20</sup> WACHHOLZ, 2003, p. 487-488.

<sup>21</sup> “Eine Zusammenfassung [der Thätigkeit] erscheint um so nötiger, als bedauernde confessionelle Agitation in der dortigen Diaspora Platz greifen will.” Ata da reunião da diretoria da SEAPA 13/3/1899 (EZA 121/3/92); ata da reunião da diretoria da SEAPA 13/3/1899 [cópia] (EZA 5/482/2470); WACHHOLZ, 2003, p. 488.



Na sequência, a Caixa de Deus enviaria mais três pastores. Neste caso, o envio foi desencadeado por uma carta à Caixa de Deus do P. Friedrich Brutschin, que atuara no Sínodo Riograndense, mas que se tornara dissidente após um conflito com seu colega de Sapiranga, o P. Paul Dohms.<sup>22</sup> Igualmente, nesta época, o Sínodo de Missouri já estava avaliando o início de trabalho no Rio Grande do Sul, o que viria a se concretizar no ano seguinte.<sup>23</sup>

Aqui cabe um apontamento importante sobre o tema da confessionalidade (luterana) e germanismo. A ideologia germanista se desenvolveria nas primeiras décadas do século XX e alcançaria seu auge nos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial. Naquele contexto, em particular no ano de 1933, o presidente da Associação da Caixa de Deus bávara, P. Wilhelm Schmidt, renunciou ao cargo, em meio às pressões por um caráter mais germanista dessa Associação. Em seu lugar, assumiu a presidência Friedrich Epplein, que passou a enfatizar o caráter germanista da Associação. Por consequência, também o Sínodo da Caixa de Deus, fundado por Otto Kuhr (1905), que até então via sua missão como fomentar o caráter confessional luterano, inclinou-se ao germanismo, aproximando-se dos demais sínodos.<sup>24</sup> Cabe ressaltar que os temas da confessionalidade luterana e da germanidade encontraram, em 1899, uma encruzilhada, cujas trilhas tensionadas (imbricadas ou excludentes) teriam desdobramentos durante as primeiras décadas do século XX.

Retornemos ao ano de 1899. Em agosto daquele ano, o CSEB comunicou à SEAPA a aprovação do plano de filiação de comunidades e definiu algumas questões adicionais, a saber:

- 1) a comunidade deveria ter membros suficientes, de forma que pudesse garantir sua existência; 2) deveria possuir um local para a celebração dos cultos; 3) deveria garantir um salário condigno ao pastor; 4) não poderia estar filiada a uma outra organização eclesial; 5) deveria elaborar um estatuto interno a ser aprovado pelo CSEB.<sup>25</sup>

A filiação de comunidades e pastores daria direito aos pastores — somente àqueles de formação universitária —, em caso de retorno à Alemanha, de atuação pastoral na Alemanha. Os pastores de formação seminarística, ainda que não tivessem direito à atuação na Alemanha, poderiam se filiar ao fundo de amparo para viúvas e órfãos de pastores, desde que a comunidade

---

<sup>22</sup> WACHHOLZ, 2003, p. 485.

<sup>23</sup> FISCHER, Joachim H. *Um rompimento e suas consequências* - Pastor J. f. Brutschin e o Sínodo Riograndense. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012. p. 23-34; WACHHOLZ, 2003, p. 251-252, 470-475.

<sup>24</sup> DREHER, 1984, p. 191-217.

<sup>25</sup> Carta do CSEB à diretoria da SEAPA de 10/8/1899 (nº 2589) (EZA 121/55); WACHHOLZ, 2003, p. 489.



estivesse filiada ao CSEB. Caso uma comunidade não se filiasse, o pastor poderia se filiar, desde que pagasse uma anuidade.<sup>26</sup>

No ano seguinte, das tratativas entre SEAPA e CSEB resultou a Lei Eclesiástica de 7 de maio de 1900, que definiria os termos de filiação de comunidades e pastores.<sup>27</sup> Embora o CSEB não desejasse tirar a autonomia da SEAPA com relação ao trabalho no Brasil, na prática, a SEAPA foi tendo seu papel enfraquecido até sua extinção, ocorrida entre 1948 e 1952.<sup>28</sup>

No que diz respeito aos desdobramentos no Brasil, temia-se que a decisão entre CSEB e SEAPA, entre outros, pudesse tensionar mais as relações entre pastores egressos de seminários e de universidades. O presidente do Sínodo Riograndense, P. Dietschi, por exemplo, externou a preocupação com o envio de pastores “verdadeiramente crentes”, independentemente de sua formação (universitária ou seminarística). Resistências à parte, o CSEB se tornou a “instância superior” dos trabalhos no Brasil, especialmente por garantir aposentadoria aos pastores e pensão às viúvas e crianças órfãs.<sup>29</sup>

## O segundo século... em dois tempos

Antes de chegar propriamente ao “segundo século” da história do luteranismo no Brasil, também com seus “dois tempos”, cabe contextualizar brevemente as teorias raciais que ocupariam a pauta tanto no Brasil (branqueamento da raça) quanto na Europa (germanismo). Já no século XIX, em grande medida impactado pela tomada do governo pelas populações negras no Haiti (1804), ocorreram discussões sobre o “branqueamento da raça no Brasil”. Essas discussões giravam em torno do “melhoramento racial”, que pode ser encontrado nos pensamentos de Sílvio Romero (1851-1914), Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) e Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909). Romero, Rodrigues e Cunha, a partir dos cruzamentos raciais ocorridos, concebiam o Brasil como um povo multiétnico, resultado dos cruzamentos raciais. Os três, contudo,

---

<sup>26</sup> WACHHOLZ, 2003, p. 489.

<sup>27</sup> Veja DREHER, 1984, p. 218-222; PRIEN, 2001, p. 133-134.

<sup>28</sup> WACHHOLZ, 2003, p. 27.

<sup>29</sup> WACHHOLZ, 2003, p. 491-494.



concebiam o cruzamento racial em perspectiva negativa, ou seja, acreditavam que o cruzamento racial colocava o Brasil em posição inferior na evolução comparativamente a outras civilizações.<sup>30</sup>

Visando “reverter” a “involução” racial brasileira, tematizou-se o fomento à imigração de contingentes populacionais brancos. Mas que imigrantes se deveria trazer e que Brasil construir? Com chineses ou europeus? Com nórdicos ou mediterrâneos? Com árabes? Somente contingentes de pessoas cristãs ou também muçulmanas? Somente pessoas católicas, para preservar uma suposta unidade religiosa, ou também protestantes? Este debate, não por fim, também tinha implicações jurídicas, pois suscitava temas como cidadania, integração e naturalização dos “novos povos”.

De outro lado, na Europa, em particular na “Alemanha”, impulsionado pelo Romantismo, mas também à medida que os territórios alemães foram se constituindo na Alemanha propriamente dita (1871), também podemos encontrar teorias raciais. Observa Bonino que, em situações como estas, a saber, de constituição de unidade nacional, a vinculação entre nacionalidade e igreja tende a marcar a vida e a teologia das igrejas, como de fato ocorreu na Alemanha e, por extensão, no Brasil.<sup>31</sup>

A título de exemplo, citemos o pensamento de George Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Hegel desenvolveu um pensamento sobre a história em perspectiva de teodiceia, a saber, no sentido de que a história intelectual da humanidade teria se desenvolvido em elevação. Tratava-se da história como a história do Espírito. O cristianismo seria, para ele, o suprassumo do progresso religioso. Segundo Hegel, a humanidade teria iniciado sua história no Oriente, alcançando seu fim no Ocidente. A história teria começado com os grandes reinos da China, Índia e Pérsia, se desenvolvido com a vitória dos gregos sobre os persas, deslocando-se então para a região do mar Mediterrâneo e, finalmente, chegado ao seu auge no Reino Germânico-Cristão do Ocidente. A Europa seria, então, para Hegel, simplesmente o “fim da história”.<sup>32</sup>

O Oriente, segundo Hegel, era comparado com a idade infantil da história da humanidade, enquanto a Grécia e Roma eram comparadas com a idade jovem e adulta, e o mundo germânico-

---

<sup>30</sup> WACHHOLZ; Wilhelm, BRÜNING, Djonata. Bonhoeffer e Lutero: Um diálogo (sempre) necessário e atual sobre o problema da superioridade racial. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 64, n. 1, p. 5-7, 2024. Disponível em: [https://revistas.est.edu.br/periodicos\\_novo/index.php/ET/article/view/2705/2530](https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/2705/2530). Acesso em: 13 ago. 2024.

<sup>31</sup> MÍGUEZ BONINO, José. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 83-84.

<sup>32</sup> LÖWITH, Karl. *Weltgeschichte und Heilsgeschehen*. Die theologischen Voraussetzungen der Geschichtsphilosophie. 8. Aufl. Berlin/Köln: Kohlhammer, 1990. p. 58-59; ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 66. (Coleção Filosofia); TILLICH, Paul. *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*. São Paulo: ASTE, 1986. p. 131.



cristão, com a idade madura.<sup>33</sup> Este pensamento sobre a história é resultado – cabe observar que esta concepção não é original de Hegel; vide Joaquim de Fiore – de uma visão tripartida, hierárquica e progressiva, de um estágio inferior para um estágio superior, com tendências de concreções históricas plenas.<sup>34</sup>

Retornando ao Brasil, pensamentos como os de Hegel, Romero, Rodrigues, Cunha e outros precisam ser conjugados. É o tempo das teorias raciais. Se no Brasil as teorias raciais consolidaram a segmentação das populações negras e indígenas, na Europa resultaram no holocausto dos judeus. No caso europeu, cabe referir Dietrich Bonhoeffer, mártir em decorrência do nacional-socialismo, por denunciar a perversidade do nazismo.

A recepção favorável da ideologia nazista, em especial em perspectiva moral e social contra os judeus, foi resultado de longo tempo de ideias sobre a suposta superioridade racial ariana em detrimento da suposta inferioridade de outras raças. Teologicamente, o conceito das ordens da criação de Lutero foi ressignificado pelo luteranismo alemão e também brasileiro. O combate de Bonhoeffer se deu exatamente frente à grave distorção teológica do pensamento de Lutero, razão pela qual ele substituiu esse conceito por ordens da preservação.<sup>35</sup>

A ideologia do nacional-socialismo também repercutiu e gerou adeptos no luteranismo brasileiro. Conforme Dreher, a partir do pensamento teológico das ordenações da criação, sangue, raça e idioma eram compreendidos como dádivas da criação de Deus. Logo, deveriam ser santificadas. O resultado disso é que, no luteranismo no Brasil, houve quem defendesse a primazia da germanidade e da etnia sobre o Evangelho ou sobre a confessionalidade luterana.<sup>36</sup>

O legado de Johann Hinrich Wichern (1808-1881) sobre o conceito de “Volksmission”, no contexto da Missão Interna alemã do século XIX, também sofreu ressignificação sob a ideologia do nacional-socialismo. “Volksmission” passaria a indicar que “a missão da Igreja destina-se... à alma do povo”. A justificativa para essa compreensão era defendida com base no fato de que “nosso povo... sob a liderança de Adolf Hitler e do nacional-socialismo” teria começado “a refletir

---

<sup>33</sup> LÖWITZ, 1990, p. 59. O mundo de Hegel se reduzia à Europa. A América e a Rússia somente são citados e suas obras de forma tangencial e, portanto, merecendo, portanto, outra atenção.

<sup>34</sup> WACHHOLZ, Wilhelm. O progresso do espírito: o céu como alvo e o inferno como consequência. O paradigma trinitário em Agostinho, Fiori, Comte e Hegel no diálogo com o pensamento de Lutero. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 2, p. 5-26, 2007. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/444](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/444). Acesso em: 13 mar. 2024.

<sup>35</sup> WACHHOLZ; BRÜNING, 2024, p. 7-12.

<sup>36</sup> DREHER, 1984, p. 217.



sobre suas forças primitivas, sobre as forças físicas e espirituais, que só podem preservar nosso povo da ruína interna e da destruição externa”.<sup>37</sup> Segue Dreher:

A Igreja advoga uma “fé alemã”, pois “o cristianismo de Lutero” é “cristianismo autenticamente alemão..., no qual a alma alemã se uniu com o espírito do Evangelho. Com a pregação do Evangelho no Espírito de Lutero, portanto, a Igreja presta um serviço especial à preservação da etnia e de sua alma. Esta é, pois, também a tarefa de nossa Igreja Evangélica Alemã no Brasil, que se encontra seu fundamento exclusivamente em sua missão junto à etnia alemã. Nossa Igreja é conscientemente Igreja de bases populares teutas, cujas comunidades surgiram da etnia teuto evangélica do Brasil. Nossa Igreja é também Igreja de missão junto à germanidade do Brasil, como mensageira e arauto de um cristianismo alemão no Espírito de Lutero. Nossa Igreja tem que prestar esse serviço por causa da etnia e de sua alma e quer ajudar a preservar e consolidar sua unidade”. O caminho da Igreja é o “da luta pela preservação da etnia germânica e de sua alma”.<sup>38</sup>

Semelhantemente, Bonino caracteriza o tema das “ordens da criação” com etnicidade, concepção predominante no “protestantismo de imigração”. A nação foi concebida como ordenada por Deus, com validade duradoura, apesar de afetada pelo pecado. O conceito de etnicidade foi associado ao de cultura no sentido de “modo de ser”, sendo, por vezes, inclusive desenvolvido como “cultura evangélica” e associado à “pátria mãe”. Dessa forma, mesmo distantes da “pátria mãe”, os alemães se entendiam como representantes e a serviço de sua nação de origem. No contexto do nacional-socialismo alemão, a identificação de “eticidade”, “cultura étnica” e “nação” resultou na confusão de sacralizar a dimensão política, econômica e ideológica,<sup>39</sup> como, por fim, denunciado por Bonhoeffer.

A ideologia germanista do nacional-socialismo teve adeptos nos sínodos brasileiros – “primeiro tempo” –, os quais, em 1949, constituiriam a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). A título de exemplo da tese de Bonino, citemos o P. Erich Knäpper, que concebia o trabalho com jovens no Sínodo Riograndense sob os seguintes princípios:

Queremos uma juventude alemã que assuma os grandes valores da nova Alemanha, que seja levada com esses valores a reconhecer a situação especial do grupo teuto-brasileiro, reconhecendo assim sua missão. Queremos uma Juventude Evangélica que também assuma a herança da Reforma e que, como pessoa alemã, venha a ter um posicionamento determinado pela fé.<sup>40</sup>

E aqui retornamos a Bonhoeffer, que denuncia o amálgama entre cultura e fé cristã: para Bonhoeffer, a modernidade concebeu a cultura de forma otimista, derivando da criação a própria

---

<sup>37</sup> DREHER, 1984, p. 141.

<sup>38</sup> DREHER, 1984, p. 142.

<sup>39</sup> BONINO, 2002, p. 93-94.

<sup>40</sup> KNÄPPER, apud DREHER, 1984, p. 145-146.



ética. Em outras palavras, a ação ética derivaria das leis iminentes da cultura. Dessa forma, a ética cristã foi sujeitada à ética cultural moderna. A síntese de cultura moderna e ética cristã seria uma espécie de ideal supremo de humanidade.<sup>41</sup>

Ainda segundo Bonhoeffer, as ordens da criação (Lutero) são concebidas como boas em si mesmas. Os povos são posicionados acima da Igreja de Cristo e dos imperativos éticos da fé cristã. Em outras palavras, as ordens da criação de Deus são percebidas como não afetadas pelo pecado. O resultado disso é que as lutas pela autodeterminação dos povos são aceitas e legitimadas de forma acrítica. As reivindicações bíblico-cristãs, por sua vez, são desprezadas ou colocadas a serviço da justificação, por exemplo, das guerras com outros povos.<sup>42</sup>

Neste ponto, é preciso retornar novamente ao período antes da Primeira Guerra Mundial. Como afirmamos acima, a partir de 1900, o CSEB assumiu a coordenação do envio de pastores ao Brasil. Na sequência, em 1911, foi criado em Soest o Seminário de Pregadores para o Exterior (“Auslandspredigerseminar”), para a formação de pastores para a diáspora. Depois da Primeira Guerra Mundial, em 1920, o seminário foi transferido para Witten/Ruhr e renomeado para Seminário para a Diáspora da Igreja Territorial (“Landeskirchliches Diasporaseminar”). Quatro anos mais tarde, em decorrência da ocupação francesa da região do Ruhr (Tratado de Versalhes), o seminário foi transferido para Stettin-Grünhof. Finalmente, teve localização em Ilsenburg, na região do Harz. A finalidade do seminário foi claramente definida assim: formação e ordenação de ministros para atuação na diáspora no exterior. Os estudantes do seminário eram alemães, posteriormente enviados ao exterior, ou vindos da diáspora (por exemplo, do Brasil) e que, depois, retornavam ao país de origem. O Seminário de Ilsenburg se tornaria palco de conflitos, depois de subordinar-se à Igreja Confessante (crítica ao nazismo) em 1934. Em reação, bolsas estudantis foram suspensas até que, finalmente, em 1938, o seminário foi fechado.<sup>43</sup>

Também data dos primeiros anos da década de 1930 uma importante mudança na Caixa de Deus da Baviera. O perfil dos egressos do Seminário de Neudettelsau que viriam a atuar no Sínodo da Caixa de Deus Luterana era da confessionalidade luterana. Até 1933, sob a presidência do P. Wilhelm Schmidt, como já ressaltamos, a Associação da Caixa de Deus bávara e, por consequência,

---

<sup>41</sup> WACHHOLZ; BRÜNING, 2024, p. 7.

<sup>42</sup> WACHHOLZ; BRÜNING, 2024, p. 8.

<sup>43</sup> DREHER, 1984, p. 149-151; WACHHOLZ, 2024, p. 81-83.



o Sínodo da Caixa de Deus, não fomentavam o tema da germanidade. Quando, contudo, o Sínodo da Caixa de Deus Luterana se associou à Federação Eclesiástica Evangélica da Alemanha em 1933 – o Sínodo Riograndense já se filiara em 1927 –, e com a renúncia do presidente P. Wilhelm Schmidt, ocorreu uma guinada tanto na Caixa de Deus bávara quanto no Sínodo da Caixa de Deus brasileiro. O presidente da Associação da Caixa de Deus bávara, Epplein, conseguiu impor seu germanismo, o que pode ser percebido, não por fim, na alteração da nomenclatura do sínodo, que passou a ser denominado Igreja Luterana Alemã no Brasil (“Deutsche Lutherische Kirche in Brasilien”). Desta forma, concretamente isso significou que o sínodo deixava de ser igreja autônoma para se tornar uma igreja alemã no Exterior. Assim, o tema da preservação da germanidade aproximou esse sínodo aos outros três. Lutero passou a ser evocado como aquele que teria inaugurado a identidade do cristianismo no espírito alemão. Se no passado o sínodo fomentava o testemunho do evangelho no idioma que as pessoas compreendiam, agora a cultura alemã passou a ser distintiva e meritória, com caráter exclusivo.<sup>44</sup> Assim, percebe-se a intenção de divinizar os ideais de nação, raça e povo alemães, denunciados, entre outros, por Dietrich Bonhoeffer e pela Igreja Confessante.

A título de exemplo de perfil ministerial, citemos aqui o P. Friedrich Wüstner. Wüstner atuou pastoralmente em Palmeira de Santa Joana/ES (1929-1940) e em Joinville/SC (1940-), sendo também eleito para a presidência do Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e Outros Estados (1954-1962). Como já referimos, a preservação da germanidade não era fomentada no Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e Outros Estados se comparado aos outros três sínodos que vieram a constituir a IECLB. O interesse do Sínodo era a confessionalidade luterana, especificamente reunir comunidades luteranas, independentemente de etnia ou raça. Esta posição foi mantida até por volta de 1933. Em meio aos acirramentos do nacional-socialismo, Wüstner defendia que a confessionalidade luterana deveria ser a causa primária e o idioma, secundário. Em outras palavras, uma Igreja independe do idioma para ser Igreja de Jesus Cristo. Assim, já por volta de 1938, Wüstner denunciava a teologia do hífen (teuto-evangélica). Para uma melhor clareza sobre a identidade missionária da Igreja no Brasil, concebia sua própria atuação,

---

<sup>44</sup> DREHER, 1984, p. 191-217.

como pastor alemão, como provisória, devendo a Igreja passar a ser dirigida por pastores autóctones.<sup>45</sup>

Neste contexto, o surgimento da Escola de Teologia (atual Faculdades EST) inaugura o “segundo tempo”, com a missão de fomentar uma teologia para uma Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil! O P. Dr. Ernesto Th. Schlieper descreveu assim esse momento de conversão:

Os anos da Segunda Guerra Mundial foram de importância decisiva para a conscientização das comunidades quanto à sua própria responsabilidade e, de importância maior ainda, para a re-avaliação teológica da tarefa da Igreja. Nestes anos se concretizou uma transformação já há muito preparada: a época da Igreja de imigrantes, cuja tarefa primordial era a de congregá-los e mantê-los unidos, estava chegando ao fim; em seu lugar, surgia uma Igreja arraigada no País, participe da responsabilidade pela formação da vida do seu povo, responsável para que neste País hoje e no futuro, a todos os homens, sem distinção alguma, seja anunciado o Evangelho de Jesus Cristo.

Um dos primeiros atos em que se manifestou essa transformação, foi a fundação da Escola de Teologia, em São Leopoldo, em 1946, hoje (sic!) Faculdade de Teologia da IECLB.<sup>46</sup>

Oportunas são também as palavras de Dohms em *Luther Vive*, que pode ser definido como um “cartão de visitas” ou até uma “certidão de nascimento” da então Escola de Teologia: a igreja não pode se subordinar a nada nem a ninguém, senão à verdade da Bíblia.

Deste modo o estudo da teologia sempre abrangerá os dois polos: será percepção de Deus e percepção do mundo ao mesmo tempo. Onde o mundo nos aparece na sua realidade, onde não o enchamos mais, ingenuamente, com nossos próprios ideais, deuses feitos por nós, que em verdade são ídolos, ali ela, no seu abandono, clama pela realidade de Deus. Torna-se então evidente a revelação. Surge então a fé que não confia em nada senão em Deus. Se é que aqui deverá crescer uma Escola de Teologia, então uma coisa é certa: somente poderá crescer em um tal estudo de teologia que tem por base e fim a fé que de nenhum modo se fia em qualquer coisa deste mundo, mas que se baseia exclusivamente em Deus. Isto, porém, quer dizer que estudar teologia para nós deve significar aprender a ver Deus e o mundo com os olhos insubornáveis da verdade que soberanamente reina na Bíblia.<sup>47</sup>

A história da Escola de Teologia, nas primeiras décadas, foi marcada pela polarização entre as teologias de Rudolf Bultmann e Karl Barth. Essa polarização se estendeu até o final da década de 1960, quando o cenário se alterou profundamente com a instauração do regime militar no Brasil

---

<sup>45</sup> WACHHOLZ, 2024, p. 304-316.

<sup>46</sup> SCHLIEPER, Ernesto Th. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana dentro do Protestantismo no Brasil. In: FISCHER, Joachim (Ed.). *Testemunho Evangélico na América Latina*. Palestras e Prédicas. São Leopoldo: Sinodal, 1974. p. 52.

<sup>47</sup> DOHMS, H [erman]. Introitus. In: *Luther vive*. São Leopoldo: Escola de Teologia, 1946. p. 4.



(1964). Emergiram, no fazer teológico, os nomes de Dietrich Bonhoeffer (Resistência e Submissão), Richard Shaull (Transformações profundas à luz de uma teologia evangélica) e Jürgen Moltmann (Teologia da Esperança). Revoluções e resistências às políticas na América Latina, sobretudo frente aos regimes militares, adentraram as discussões teológicas. A Faculdade de Teologia viria a se tornar palco para debates das teologias da libertação e evangelical. Em comum, ambas as teologias buscavam afirmar a “indigenização” da igreja.<sup>48</sup>

## Considerações finais

A história de dois séculos da IECLB certamente não se resume a quatro tempos. Ainda assim, ao fazê-lo, intentamos perceber como o ano de 1899 foi decisivo para esta história. Uma cisura ocorreu naquele ano. Não somente ocorreu uma reorientação teológica em direção ao amálgama com a ideologia germanista do nacional-socialismo, mas também a construção de uma teologia autóctone foi postergada para depois da Segunda Guerra Mundial. Os “quatro tempos” evidenciam encruzilhadas do luteranismo brasileiro da IECLB, marcando sua história dinâmica e conflitiva, mas também entre polarizações e reconversões. Superamos as polarizações ou elas se acirraram? Esta é uma história em andamento. Para reflexão, citamos Dreher:

Em âmbito mundial, os últimos decênios foram marcados pela queda do muro de Berlim. As fronteiras ideológicas tornaram-se imprecisas, imprecisos tornam-se também os contornos teológicos e eclesiais, não somente na IECLB. Também outras denominações passaram por tal experiência. Vive-se em tempos de neoliberalismo econômico, social e religioso. Em contrapartida, há reações a essa situação. Encontramo-las espelhadas em novas expressões de religião, que também penetram nas igrejas e denominações com larga herança histórica e teológica. Uma dessas expressões, que foi reação ao primeiro liberalismo, o fundamentalismo, retornou com força ao cenário mundial quando, em 11 de setembro de 2001, aviões foram lançados contra o coração financeiro norte-americano, em Nova York, e contra o coração militar norte-americano, o Pentágono, em Washington. Na oportunidade, fundamentalistas islâmicos foram acusados de serem os autores do atentado. Resposta igualmente fundamentalista levou a duas guerras contra o Afeganistão e contra o Iraque. Fundamentalistas entendem-se como contraofensiva a um modernismo que, assim dizem, apossou-se da igreja. Voltam-se contra o método que interpreta os conteúdos da fé, especialmente os textos bíblicos, a partir de uma perspectiva histórica. O fundamentalista experimenta a sociedade que o cerca em decadência moral, sem lei e sem normas. Por isso a comunidade fundamentalista concede-lhe descanso e segurança em virtude de suas regras severas e normativas. Com isso o fundamentalismo torna-se convidativo e

---

<sup>48</sup> DREHER, Martin N. Reflexões sobre os Sessenta Anos da Escola Superior de Teologia. In: HOCH, Lothar Carlos et al. (Ed.). *Estações da Formação Teológica; 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2008. p. 59-65.



atraente para uma parcela significativa da humanidade, pois oferece segurança em meio a verdades que se desvanecem, em meio a pluralidades, a relativizações e dissoluções das certezas antigas.<sup>49</sup>

Talvez, para o nosso contexto luterano, tenhamos que retornar ao tema da justificação por graça mediante a fé. Não é a doutrina da justificação que nos salva, mas o ato justificante de Deus, gratuito, que é recebido pela fé-confiança. E fé-confiança implica o reatamento das relações com base na confiança, não raramente rompida por méritos raciais, pretensão de superioridade, apartheid ou exclusivismos.

## Referências

- MÍGUEZ BONINO, José. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. Evangelisches Zentralarchiv [Berlim, Alemanha] (EZA).
- DOHMS, H [erman]. Introitus. *In: Luther vive*. São Leopoldo: Escola de Teologia, 1946.
- DREHER, Martin N. *Igreja e Germanidade*; estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.
- DREHER, Martin Norberto. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: história de uma caminhada. *In: DREHER, Martin Norberto et. all. Presença Luterana no Brasil: história e testemunho*. São Leopoldo: Sinodal, 2024. p. 9-56.
- DREHER, Martin N. Reflexões sobre os Sessenta Anos da Escola Superior de Teologia. *In: HOCH, Lothar Carlos et al. (Ed.). Estações da Formação Teológica; 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2008. p. 57-70.
- FISCHER, Joachim H. *Um rompimento e suas consequências - Pastor J. f. Brutschin e o Sínodo Riograndense*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.
- HUNSCHE, Carlos H. Pastor Heinrich W. Hunsche e os Começos da Igreja Evangélica no Sul do Brasil. São Leopoldo: Rotermund, 1981.
- LÖWTH, Karl. *Weltgeschichte und Heilsgeschehen: Die theologischen Voraussetzungen der Geschichtsphilosophie*. 8. Aufl. Berlin/Köln: Kohlhammer, 1990.
- PRIEN, Hans-Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil; das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis, 2001.
- SCHLIEPER, Ernesto Th. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana dentro do Protestantismo no Brasil. *In: FISCHER, Joachim (Ed.). Testemunho Evangélico na América Latina. Palestras e Prédicas*. São Leopoldo: Sinodal, 1974. p. 41-57.
- TILLICH, Paul. *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*. São Paulo: ASTE, 1986.

---

<sup>49</sup> DREHER, Martin Norberto. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: história de uma caminhada. *In: DREHER, Martin Norberto et. all. Presença Luterana no Brasil: história e testemunho*. São Leopoldo: Sinodal, 2024. p. 54.



WACHHOLZ, Wilhelm. “*Atravessem e Ajudem-nos*”: A atuação da “Sociedade Evangélica de Barmen” e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899). São Leopoldo: Sinodal, 2003. (Série Teses e Dissertações, 19)

WACHHOLZ, Wilhelm. O progresso do espírito: o céu como alvo e o inferno como consequência. O paradigma trinitário em Agostinho, Fiori, Comte e Hegel no diálogo com o pensamento de Lutero. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 2, p. 5-26, 2007. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/444](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/444) . Acesso em: 13 mar. 2024.

WACHHOLZ, Wilhelm. Um casal, três continentes: da Europa para a África; da África para o Brasil – Lydia Borien: “Quero viver para ti, Jesus, e ser somente para ti”. In: DREHER, Martin Noberto et. all. *Presença Luterana no Brasil: História e testemunho*. São Leopoldo: Sinodal, 2024. p. 245-253.

WACHHOLZ, Wilhelm; BRÜNING, Djonata. Bonhoeffer e Lutero: Um Diálogo (Sempre) Necessário e Atual sobre o Problema da Superioridade Racial. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 64, n. 1, p. 1-17, 2024. Disponível em: [https://revistas.est.edu.br/periodicos\\_novo/index.php/ET/article/view/2705/2530](https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/2705/2530) . Acesso em: 13 ago. 2024.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 66. (Coleção Filosofia)